



CLARITAS SCRIPTURAE EM LUTERO: PERSPECTIVAS PARA A PRÉDICA

Claritas Scripturae in Luther: prospects for preaching

Klaus A. Stange¹

Resumo:

O presente artigo pretende ser um primeiro impulso em uma das áreas que o autor pesquisa em seu projeto de doutorado: possíveis contribuições da neurociência para a tarefa homilética da Igreja. Enquanto que a contribuição da neurociência para a homilética aborda aspectos da performatividade homilética, a pesquisa em Lutero, especificamente seu conceito de *claritas scripturae*, objetiva fazer um contraponto, apontando para o aspecto da “clareza interna” e “clareza externa” das Escrituras no processo hermenêutico.

Lutero apresenta a sua compreensão a respeito da *claritas scripturae* em sua disputa com Erasmo de Roterdã no seu escrito “De servo arbítrio”. Para Erasmo, a Escritura não possui clareza em si mesma, nem é possível estabelecer critérios objetivos para uma exposição da mesma. Em última análise, Erasmo apela para o juízo da razão. No entanto, Deus é inacessível em seus mistérios – portanto para além da razão. A proposta de Erasmo atinge a teologia de Lutero em sua raiz.

Lutero responde a Erasmo discorrendo a respeito da *claritas scripturae*. Clareza externa, para Lutero, não se encontra em primeiro lugar na letra do texto, mas na comunidade, na palavra pública, na pregação pública. Uma eventual dificuldade de se compreender a Escritura residiria na obscuridade que habita o coração humano. Por isso, é necessária a clareza interna, dada pelo Espírito Santo.

Objetivos:

- demonstrar como Lutero fundamentou a *claritas scripturae*,
- o significado de *claritas scripturae*,
- como ela é alcançada e perguntar pelo significado da proposta de Lutero para a prédica.

Palavras-chave:

Claritas Scripturae. Lutero. Prédica.

Abstract:

Luther presents his understanding about the *claritas scripturae* in his dispute with Erasmus of Rotterdam in his writing “De servo Arbitrio.” For Erasmus, the Scriptures are not clear in itself, it is not possible to establish objective criteria for an exhibition of itself. Ultimately, Erasmus appeals to the judgment of reason. However, God is inaccessible in his mysteries - so he is beyond reason. Erasmus proposed reaches Luther's theology at its essence.

Luther answered Erasmus discoursing about *claritas scripturae*. External clarity for Luther, is not in first place by the text, by the letter, but in the community, in the public word, in public preaching.

¹ Klaus A. Stange é mestre em Teologia, doutorando do Programa de Pós-Graduação das Faculdades EST, bolsista da CAPES, professor de teologia prática na Faculdade Luterana de Teologia – FLT em São Bento do Sul / SC, Brasil. Email: k.stange@flt.edu.br

One possible difficulty of understanding the Scripture lie in the darkness that inhabits the human heart. Therefore, the internal clarity is needed, given by the Holy Spirit.

Not really, Luther ceases to speak of an external and internal obscurity of Scripture. Outer darkness has many facets: for example the disregard for the ministry of preaching, persecution, cults, false doctrines, false promises that obscure the clarity of Scripture. On the other hand, if the outer darkness of Scripture threatens church, this is due to the internal obscurity of those who carry the ministry of preaching and church leadership.

Goals:

- present the meaning of *claritas scripturae*,
- demonstrate how Luther justified the *claritas scripturae*,
- explain how *claritas scripturae* is achieved and ask for the meaning of Luther's proposal for the context of Brazilian Pentecostal speech.

Keywords:

Claritas Scripturae. Luther. Preaching.

Considerações iniciais

Pregação cristã² é um processo antropológico de comunicação. Mas, simultaneamente, possui uma dimensão teológica ou, se preferirmos, pneumatológica. Parece-nos que ao longo da história cristã, essas duas dimensões da pregação cristã sempre estiveram em conflito.³ No contexto brasileiro contemporâneo, esse conflito é explicitado entre as várias correntes do protestantismo onde, uma vertente pentecostal, por exemplo,⁴ abdica conscientemente da necessidade de uma preparação específica ou exegese do texto bíblico, para daí extrair a prédica. Bastaria ao pregador ser batizado com o Espírito Santo.⁵ A prédica é o resultado de uma infusão mediada pelo Espírito Santo ao pregador, que passaria a entregar sua mensagem como que vindo diretamente de Deus. Por outro lado, na vertente neopentecostal, por exemplo, a prédica é reduzida a um discurso antropológico, a uma peça retórica, de propaganda religiosa, com palavras de ordem e slogans como peças de marketing.⁶ Nos pregadores televisivos, percebemos uma tendência para uma supervalorização do estético, (algumas pregações são verdadeiros shows), uma exposição do texto bíblico literalista com uma aplicação imediata, onde 2000 anos de fosso histórico e cultural não representam nenhum problema! Nas assim chamadas “igrejas históricas”, advindas da Reforma, a

² Usaremos neste ensaio a nomenclatura “pregação”, “prédica” para referir-nos àquela peça oratória, discursiva, feita no contexto celebrativo da comunidade de fé.

³ Luiz Carlos Ramos faz um excelente resumo e sistematização, apresentando o desenvolvimento e as ênfases que a prédica recebeu ao longo da história cristã. Cf. RAMOS, Luiz C. *A pregação na idade média*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012. p. 27-96.

⁴ Estamos cientes de que o fenômeno pentecostal não é uma realidade homogênea no Brasil. Classicamente o pentecostalismo rejeitou a necessidade da exegese para o preparo de uma prédica. Hoje, várias igrejas pentecostais começam a considerar a exegese – e o estudo teológico formal, como importantes para o ministério da pregação. Cf. GOUVÊA MENDONÇA, Antônio; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990; GOUVÊA MENDONÇA, Antônio. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995 e LÉONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.

⁵ Batismo com ou no Espírito Santo entendido como uma segunda experiência, ao lado da experiência da justificação ou conversão.

⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. São Paulo: UMESP/Ed. Vozes, 1999. p. 297-326.

pregação sempre valorizou o estudo exegético e a teologia enquanto moldura da pregação. Paul Tillich assim se expressou sobre as igrejas da Reforma: “O protestantismo é uma religião sumamente intelectualizada. O talar usado pelo clérigo hoje é a veste professoral da Idade Média. [...] O clérigo é pregador, não sacerdote, e prédicas dirigem-se em primeiro lugar ao intelecto”.⁷ Mas não há como negar que também no protestantismo histórico, a relação entre a dimensão antropológica e pneumatológica da pregação sempre foi um tema controverso, controvérsia que se mantém até o presente.⁸ Sintomas dessa tensão percebe-se quando ouvimos os apelos daqueles que denunciam a secularização da teologia por um lado, advogando a necessidade urgente da igreja resgatar a dimensão pneumatológica da pregação⁹ e daqueles que valorizam novas formas de comunicação e pregação, deslocando o foco da teologia (conteúdo da pregação) para uma valorização estética (forma da pregação), por outro lado.¹⁰ Sem falar que, no âmbito do protestantismo histórico, a pregação se encontra numa crise. A crise da pregação, não por último, é um reflexo de uma crise de credibilidade das Escrituras Sagradas (alemão: Krise des Schriftprinzips).¹¹ O princípio escriturístico não descreve em primeiro lugar um axioma científico, mas descreve um conflito, causado, entre outros, por uma supervalorização do método histórico em detrimento do método dogmático e a decorrente preconização dos princípios da crítica, da analogia e da correlação bíblica – especialmente desde Troelsch.¹² Em outras palavras: valorizou-se excessivamente o aspecto antropológico da produção e apropriação do conhecimento (método) em detrimento do aspecto pneumatológico do conhecimento e da compreensão da palavra de Deus. Como resultado, há uma descrença na auto-eficácia da palavra de Deus. A crise de credibilidade das Escrituras provocou nos últimos 100/200 anos um conflito dogmático entre os que defendem um maior uso metodológico de uma “hermenêutica da dúvida ou da suspeita” e aqueles que advogam o uso de uma “hermenêutica da confiança” em relação ao texto bíblico.

Como contribuição a esse debate, queremos analisar um conceito de Martinho Lutero que julgamos, não está ultrapassado – a despeito dos 500 anos que nos separam do Reformador. Trata-se do conceito de Lutero a respeito das Escrituras, especificamente seu conceito de *claritas scripturae*.¹³ Para Lutero também era perceptível a tensão entre os aspectos antropológicos e pneumatológicos da pregação. Citando Lutero:

Quando o pregador interpreta o texto de forma alegórica e espiritualiza o texto, isso agrada o povo; pregando desse jeito, eu também serei mestre e bem quisto entre o povo. Mas quando se

⁷ TILLICH, Paul apud TESCHE, Silvio. *Vestes litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação?* São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 112.

⁸ Uma análise histórica e uma abordagem contemporânea do tema pode-se encontrar em: BAYER, Oswald. *Autorität und Kritik*. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1991.

⁹ Um exemplo desse tipo de apelo pode ser encontrado na palestra do pastor Hernandes Dias Lopes em: TV PRESBITERIANA. Sermão expositivo - o livro (parte 1). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wLZRiodr2ps>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

¹⁰ Um exemplo dessa argumentação pode ser encontrada na obra de VOGT, Fabian. *Predigen als Erlebnis*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchner Verlag, 2009. O foco e objetivo da obra é apresentar novas formas de pregação num contexto em que as pessoas se distanciaram da igreja. No entanto, não deixa de chamar a atenção que, em sua obra de 328 páginas, apenas 3 páginas sejam dedicadas especificamente para tratar do papel do Espírito Santo na pregação.

¹¹ ROTHEN, Bernhard. *Die Klarheit der Schrift*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990. p. 7-15.

¹² Para uma discussão abrangente e aprofundada da discussão em torno do método escriturístico, remetemos para a obra de BAYER, *Autorität und Kritik*, 1991.

¹³ Nossa análise remeterá basicamente aos textos de EBER, Jochen. *Schriftverständnis von Martin Luther* in: *Den Sinn biblischer Texte verstehen*. Giessen: Brunnen Verlag, 2006; ROTHEN, Bernhard. *Die Klarheit der Schrift*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990 e BEISSER, Friedrich. *Claritas scripturae bei Martin Luther*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966.

prega a respeito da justificação, que só pela graça e pela fé em Cristo podemos ser justificados diante de Deus, a maioria das pessoas não acham o pregador eloquente. Uma coisa é certa, podem observar: quando se prega a respeito de algum tópico da justificação, o povo dorme na prédica, ou começa a tossir...; mas quando se começa a contar histórias ou dar exemplos, aí o povo estica as duas orelhas, fica em silêncio e presta muita atenção.¹⁴

Ou seja, Lutero, a despeito da valorização que deu à exposição do texto bíblico, limitando praticamente o agir do Espírito Santo à leitura e exposição das Escrituras,¹⁵ percebeu que ao lado da dimensão pneumatológica da prédica, reside também uma dimensão antropológica que não deve ser desprezada. Nossa tese é que ambas as dimensões, a dimensão antropológica e pneumatológica necessitam ser redescobertas e atualizadas no protestantismo brasileiro.

Claritas Scripturae na Bíblia

O conceito de *claritas scripturae* não é apenas um postulado dogmático / sistemático. É um tema recorrente na própria Bíblia. O texto mais conhecido e clássico encontra-se em 2 Co 4.(1-2)3-6.¹⁶ Nesta passagem das Escrituras, o apóstolo Paulo explica que a clareza das Escrituras é idêntica com uma iluminação do coração. O ser humano experimenta, existencialmente, um milagre similar à criação *ex nihilo* da luz. Assim como Deus, no princípio, do nada criou a luz, da mesma forma o coração do ser humano é iluminado por Deus. Onde tal iluminação acontece, ali há compreensão das Escrituras, ali nasce a fé, acontece um novo nascimento, tem lugar um evento salvífico na vida da pessoa.

Claritas Scripturae em Lutero

Quem compreendeu e articulou o tema da clareza das Escrituras com precisão foi o reformador Martinho Lutero.

Para Lutero, a clareza da Escritura primeiramente e fundamentalmente, não é uma declaração empírica, não é a síntese de experiências que teologia e a igreja fizeram com a palavra, mas trata-se de um **princípio**, algo que é aceito, um pressuposto. Portanto, a clareza das Escrituras, em primeiro lugar, é algo acolhido em fé. Só depois de ser acolhido em fé, ela também pode tornar-se em uma clareza experimentada. Primeiro vem a fé, depois a vivência.¹⁷

Em outras palavras: o princípio da clareza das Escrituras é o ponto de partida a partir do qual Lutero, em fé, ensina e pensa. O pedir, buscar e bater que é feito através da fé, deverá encontrar o que pede, busca e procura. Mas em primeiro lugar, a clareza das Escrituras é um princípio!

O conceito de *clareza das Escrituras* em Lutero, não deve ser dissociado de sua biografia. Lutero precisa confrontar-se teologicamente por um lado com a cúria romana, por outro lado com humanistas como Erasmo de Roterdã e com entusiastas como Sebastian Franck.¹⁸ O que é comum para os três oponentes de Lutero citados é que todos afirmavam que as Escrituras Sagradas são essencialmente obscuras. Afirmar que as Escrituras Sagradas são obscuras equivale a afirmação que

¹⁴ EBER, 2006, p.177.

¹⁵ Lutero não concebia o agir do Espírito Santo desvinculado da Escritura Sagrada, a Bíblia.

¹⁶ Cf também Rm 10.18; 15.4; 2 Tm 3.16; 2 Co 3.14; 4.3ss; Rm 11.33; Is 40.13; 1 Co 2.12.

¹⁷ ROTHEN, 1990, p. 82-83.

¹⁸ Cf. SEBASTIAN Franck. Disponível em: <https://de.wikipedia.org/wiki/Sebastian_Franck>. Acesso em: 19 dez. 2015.

as Escrituras não possuem clareza em si mesmas, ou seja, não é possível interpretar corretamente as Escrituras sem o auxílio ou a intermediação de um terceiro.

Assim, a cúria romana afirmava a obscuridade das Escrituras, implicando que as Escrituras só poderiam ser corretamente interpretadas à luz da tradição e advogando a necessidade de uma hierarquia de autoridade eclesiástica – que culminava no papa, para uma correta e definitiva interpretação das Escrituras.¹⁹

Erasmus de Roterdã era conterrâneo de Lutero e ambos debaterão um com o outro nos anos de 1524-1525. Erasmo, por exemplo, em sua *Diatriba* acerca do livre arbítrio, afirma que as Escrituras são obscuras.²⁰ Para Erasmo, a experiência de um estudioso da Bíblia é como a experiência de uma pessoa que entra em uma caverna: quanto mais ele se aprofunda, mais escuro fica ao seu redor. Assim também acontece quando se estuda as Escrituras. Por isso, o estudo das Escrituras necessariamente conduz a pessoa à adoração a Deus. É só isso que resta ao ser humano.

Finalmente, Lutero também teve de posicionar-se em relação aos entusiastas.²¹ Um de seus representantes, Sebastian Franck, afirmava que o ser humano possuía uma centelha divina em seu interior. Deus se comunica com o ser humano através dessa centelha divina, diretamente ao seu coração. O sentimento espiritual de Franck estava divorciado da letra das Escrituras. A revelação divina era algo absolutamente privado, impossível de ser verificado por qualquer instituição ou sistema dogmático. Nesse sentido, para Franck, aquele que foi iluminado interiormente estaria unido a uma eterna e necessariamente invisível igreja.

A Clareza interna das Escrituras

Lutero não negará a existência de uma “obscuridade” nas Escrituras. No entanto, para Lutero, a obscuridade das Escrituras é em primeiro lugar uma realidade teológica, não gramatical. A partir de sua antropologia agostiniana, Lutero reconhece a total decadência e deficiência do ser humano por conta do pecado que o separa de Deus.²² Nesse sentido, é impossível ao ser humano que ele compreenda a mensagem das Escrituras, sem que primeiro tenha sido iluminado pelo Espírito Santo.

Se falas da clareza interna, nenhum ser humano percebe nem um único i nas Escrituras, a menos que tenha o Espírito de Deus. Todos têm um coração obscurecido, de modo que, mesmo que digam e saibam recitar toda a Escritura, nada dela percebem ou conhecem verdadeiramente. Não creem em Deus, nem que são criaturas de Deus, nem qualquer outra coisa... Pois para compreender toda a Escritura e qualquer parte dela se precisa do Espírito.²³

A clareza interna das Escrituras remete a uma iluminação do pensar, do meditar do ser humano. Internamente, o ser humano reconhece a verdade. É a iluminação do coração através da fé. Isso tudo é mediado através do Espírito Santo.

¹⁹ Lutero irá contra-argumentar em seu escrito de 1520: *À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 280 ss.

²⁰ HAYDEN-ROY, Priscilla. *Hermeneutica gloriae vs. hermeneutica crucis: Sebastian Franck and Martin Luther on the Clarity of Scripture*. Disponível em: <<http://digitalcommons.unl.edu/modlanggerman/24/>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

²¹ No idioma original, Schwärmer.

²² HAYDEN-ROY, [s.d.], p. 58ss.

²³ LUTERO, Martinho. De servo arbítrio. LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v. 4. São Leopoldo: Sinodal, 1993. p. 25s.

No entanto, Lutero não define um caminho metodológico que explique como tudo isso acontece. Ele apenas diz que, quando uma pessoa possui a clareza interna, persiste uma condição objetiva (existe um Deus), e uma consequência subjetiva (eu sou sua criatura). Portanto, clareza interna considera um "est" e um "pro me".²⁴

Mas deve-se também destacar que para Lutero, no que diz respeito à clareza das Escrituras – no sentido de uma iluminação do coração como vimos acima, e que Lutero chamou de *clareza interna*, ela não está dissociada de uma leitura literal da Bíblia – que Lutero chamou de *clareza externa*. Ou seja, Lutero distancia-se teologicamente dos entusiastas que viam a possibilidade de haver uma comunicação direta de Deus ao ser humano²⁵ que não mediada pela palavra externa.

A clareza externa das Escrituras

Para Lutero, as Escrituras são essencialmente claras.

“A Escritura é em si mesma completamente certa, de fácil acesso, totalmente transparente. Ela interpreta a si mesma e comprova, julga e ilumina tudo, para todos”.²⁶ Esta citação de Lutero vai se tornar a base para aquilo que se chama de princípio escriturístico no protestantismo e na dogmática evangélica. Quando Lutero teve de comparecer diante da Assembleia de Worms, ele reafirmará a centralidade das Escrituras como fonte de toda a verdade bíblica.

No entanto, o princípio escriturístico de Lutero não foi uma unanimidade em seu tempo. Erasmo pergunta: como é possível que Lutero afirme que a Escritura interpreta a própria Escritura e, ao mesmo tempo, critica gerações inteiras de estudiosos, denunciando que eles não interpretaram a Bíblia corretamente? A própria história parece apontar nessa direção! Sempre de novo a Bíblia foi interpretada de várias maneiras. Isso não atestaria que não existe uma clareza das Escrituras? Não seria assim que, no fim, cada um define a sua própria interpretação?!²⁷

Como Lutero responde?

Em seu escrito de 1525 (De servo arbítrio), em sua disputa com Erasmo e a partir de uma exposição de 2 Co 3 e 4,²⁸ Lutero torna mais preciso o seu entendimento e vai definir a clareza das Escrituras como *primo princípio*. Lutero fala de uma dupla clareza das Escrituras.

[...] existe uma dupla clareza da Escritura, assim como existe uma dupla obscuridade; uma é externa, colocada no ministério da Palavra; a outra, situada na cognição do coração. Se falas da clareza interna, nenhum ser humano percebe nem um único i nas Escrituras, a menos que tenha o Espírito de Deus. Todos têm um coração obscurecido, de modo que, mesmo que digam e saibam recitar toda a Escritura, nada dela percebem ou conhecem verdadeiramente. Não creem em Deus, nem que são criaturas de Deus, nem qualquer outra coisa... Pois para compreender toda a Escritura e qualquer parte dela se precisa do Espírito.

²⁴ ROTHEN, 1990, p. 85-86.

²⁵ “Nichts ist schädlicher, als dass man sich vermisst, man glaube und man könne das Evangelium wohl; wie die selbstzufriedenen Geiste tun, welsche meinen, wenn sie eine Predigt oder zwei gehört oder gelesen haben, só haben sie den Heiligen Geist mit Federn uns mit allem gefressen, verstehen es nun alles, erdichten und erträumen sich selbst einen Glauben, da es doch allein Gottes Werk ist...”. LUTHER, Martin. *Luther Deutsch – Die Werke Martin Luthers in neue Auswahl für die Gegenwart*. v. 9. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. p.33.

²⁶ ROTHEN, 1990, p.82.

²⁷ CALLAHAN, James Patrick. *Claritas Scripturae: The Role of Perspicuity in Protestant Hermeneutics*. Journal of the Evangelical Theological Society, Wheaton, n. 39, v. 3, p. 353-372, 1996.

²⁸ Lutero irá sustentar sua tese com outras passagens bíblicas, como: Rm 10.18; 15.4; 2 Tm 3.16; 2 Co 3.14; 4.3ss; Rm 11.33; Is 40.13; 1 Co 2.12.

Se falas da clareza externa, não resta absolutamente nada obscuro ou ambíguo; tudo o que há nas Escrituras foi conduzido à luz certíssima e declarado ao orbe todo pela Palavra”.²⁹

No que diz respeito à clareza externa das Escrituras, ela consiste na proclamação pública da palavra de Deus a todo mundo. Clareza externa tem a ver com o conteúdo da palavra. No que diz respeito à clareza externa das Escrituras, não há sentido duplo para Lutero. A palavra é clara. Todos podem assimilá-la. Onde o Espírito Santo age, não pode haver, em última instância, coisas obscuras nas Escrituras. Se há, é apenas porque as pessoas ainda não se aplicaram a conhecer bem a letra e a gramática das Escrituras. Ou se há algumas passagens com declarações obscuras, haverá clareza em outras passagens na própria Escritura, de modo que não é necessário recorrer à tradição eclesiástica ou magistério como autoridade última. A Escritura é sua própria intérprete porque o Espírito Santo age nela.

Admito, por certo, que nas Escrituras há muitas passagens obscuras e abstrusas, não por causa da majestade dos assuntos, mas por causa da [nossa] ignorância em matéria de vocabulário e gramática. No entanto, elas absolutamente não impedem o conhecimento de todas as coisas nas Escrituras. Pois que coisa mais sublime pode ainda permanecer oculta nas Escrituras depois que os selos foram rompidos e a lápide foi removida da entrada do sepulcro e depois que foi revelado aquele sumo mistério: Cristo, o Filho de Deus se fez ser humano, Deus é trino e uno...? Se tiras Cristo das Escrituras, que encontrarás nelas ainda? Portanto, todas as coisas contidas na Escritura estão reveladas, embora algumas passagens sejam obscuras porque ainda não conhecemos as palavras. ... Cristo nos abriu a inteligência para que entendamos as Escrituras”.³⁰

Nem por isso, Lutero deixa de falar de uma obscuridade externa das Escrituras. Obscuridade externa possui muitas facetas: Por exemplo o desprezo pelo ministério da pregação, a perseguição, as seitas, falsas doutrinas, falsas promessas que obscurecem a clareza das Escrituras. Por outro lado, se a obscuridade externa das Escrituras ameaça a igreja, isso se deve à obscuridade interna daqueles que carregam o ministério da pregação e da liderança na igreja.³¹

Nós dizemos o seguinte: os espíritos devem ser examinados ou provados por um juízo dúplice. Um é o juízo interior, consistindo em que cada um, iluminado para si e unicamente para sua salvação através do Espírito Santo ou um dom singular de Deus, julga e discerne com toda a certeza os dogmas e as opiniões de todos. Disso se diz em 1 Co 2.15: ‘O espiritual julga todas as coisas e não é julgado por ninguém’. Isso concerne à fé e é necessário para qualquer cristão, mesmo particular. Chamamo-lo acima de clareza interior da Sagrada Escritura. ... o outro é o juízo externo, pelo qual julgamos com toda a certeza os espíritos e dogmas de todos, não só para nós mesmos, mas também para os outros e por amor da salvação dos outros. Esse juízo é próprio do ministério público da Palavra e do ofício externo, e concerne principalmente aos líderes e pregadores da Palavra. Fazemos uso dele ao fortalecermos os fracos na fé e ao refutarmos os adversários. Chamamo-lo acima de clareza externa da Sagrada Escritura. Assim dizemos o seguinte: todos os espíritos devem ser provados em face da Igreja tendo a Escritura por juiz. ... as Sagradas Escrituras são uma luz espiritual, muito mais clara do que o próprio sol, principalmente nas coisas que dizem respeito à salvação ou sua necessidade.”³²

²⁹ LUTERO, 1993, p. 25ss.

³⁰ LUTERO, 1993, p. 24

³¹ ROTHEN, 1990, p. 87.

³² LUTERO, 1993, v. 4, p. 65. Lutero remete aqui para uma série de passagens bíblicas, que examina neste contexto: Dt 17.8-11; 1 Ts 5.21; 2 Pe 1.19; Sl 19.9; 119.105; 143.10; Rm 1.2; 3.21; 2 Co 3.7 e 4; 2 Pe 1.19; Fp 2.15s; Jo 5.39; At 17.11; 2 Tm 3.16; Lc 21.15; 2 Pe 1.19 (cf. p. 65-68). Lutero mostra também como a claridade das Escrituras prevaleceu na história da Igreja (cf. p. 70-74). Para uma análise histórica do conceito de Clareza das Escrituras, iniciando pela Reforma, Pietismo, Iluminismo até a Modernidade, cf. CALLAHAN, 1996, p. 353-372.

Como vemos nessas citações de Lutero, onde a Escritura tornou-se clara para alguém (no sentido da claridade interna e externa), isso significa que a pessoa esteve sob o efeito dela e a compreendeu. Onde isso acontece, a pessoa reconhece quem é, a saber, pecadora, e ouve, também, a palavra da graça de Deus. Nesse sentido, a *claritas scripturae* não é uma propriedade empírica das Escrituras, que pudesse ser comprovada ou contradita de algum modo, mas *efeito espiritual, recriador de Deus através de sua palavra e seu Espírito*.

Considerações finais: perspectivas para a prédica

A abordagem que fizemos acima trabalhou com a hipótese que o conceito de Lutero a respeito das Escrituras, especificamente seu conceito de *claritas scripturae*, abre perspectivas para a prédica no contexto do Protestantismo brasileiro.

- Uma primeira perspectiva que se abre, relaciona-se com a dimensão pneumatológica que Lutero sustentava na pregação. É tarefa de todo pregador atentar para o desafio que representa a comunicação do Evangelho no contexto pós-moderno³³ contemporâneo. Há de enormes contribuições a serem apropriadas pelos pregadores, advindos das novas teorias de comunicação³⁴ e da neurociência.³⁵ Nesse sentido, há uma preocupação por parte da pessoa do pregador, em considerar os preconceitos, a cultura, a educação, a bagagem biopsicossocial, as influências socioambientais, bagagem religiosa e denominacional, enfim, todo o conjunto de experiências, informações, predisposições e preconceitos que determinam uma pessoa e os processos hermenêuticos e de comunicação.³⁶ Não há dúvida de que todos estes aspectos podem e devem ser considerados em toda e qualquer hermenêutica de textos bíblicos, mas não podem ser vistos – numa perspectiva teológica, como absolutamente determinantes, mas relativamente determinantes. Isso se deve ao fato de a verdadeira ruptura existencial e cognitiva do ser humano não encontrar-se no âmbito sociopolítico, linguístico, cultural ou hermenêutico, mas – conforme vimos em Lutero, no âmbito espiritual.

A verdadeira barreira a ser superada para que haja compreensão de Deus e das Escrituras e que impede que surja, por conseguinte, fé, não é de cunho cultural, linguístico ou sociopolítico, mas estritamente espiritual, a saber, o pecado. É este que obscurece o entendimento humano em

³³ Uma breve introdução às implicações da pós-modernidade para a pregação, tanto pelo viés da forma quanto do conteúdo, é feita por Robson Marinho. MARINHO, Robson. *A arte de pregar*. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 41-94. Numa perspectiva que considera o ambiente midiático que vivemos, Luiz C. Ramos nos apresenta caminhos para uma prédica humana na idade mídia. Cf. RAMOS, Luiz C. *A pregação na idade mídia*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012. p. 161-238.

³⁴ Uma visão abrangente e sistêmica pode ser encontrada em: MATTELART, Armand. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2004.

³⁵ Uma abordagem interessante a partir da neurociência pode ser verificada em: STEPHENS, G. J., SILBERT, L. J., HASSON, U. Speaker-listener neural coupling underlies successful communication. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. v. 107, n. 32, p. 14425–14430, 2010. Disponível em: <<http://www.pnas.org/content/early/2010/07/13/1008662107.full.pdf>> Acesso em: 19 dez. 2015. Veja também FIELDS. R. Douglas. Of two minds: Listener brain patterns mirror those of the speaker. *Scientific American*, 2010. Disponível em: <<http://blogs.scientificamerican.com/guest-blog/2010/07/27/of-two-minds-listener-brain-patterns-mirror-those-of-the-speaker/>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

³⁶ Na Alemanha, as igrejas luteranas apropriaram-se de um estudo de análise sociológica que mapeia a sociedade alemã e oferece importantes subsídios para que a igreja se comunique melhor com a sociedade. O estudo conhecido como *Sinus-Studie*, pode ser acessado em: <http://www.sinus-institut.de>

nível profundo. Somente o agir incontrollável, indisponível e improvável do Espírito Santo é capaz de superar essa barreira espiritual.³⁷

Portanto, a despeito de todo esforço feito pelo pregador para superar barreiras de comunicação, a partir do conceito de *claritas scripturae* de Lutero verificamos que há uma dimensão teológica/pneumatológica que transcende todo esforço hermenêutico e de comunicação.

- A distinção reformatória entre *claritas externa* e *claritas interna*, na sua relação com os exercícios hermenêuticos contemporâneos no âmbito do protestantismo brasileiro, projeta seu significado na medida em que estabelece uma diretriz de equilíbrio para que, por um lado, não se procure divinizar a capacidade humana de compreensão dos textos sagrados³⁸ e, por outro lado, não se reduza a compreensão de textos bíblicos meramente a seus aspectos antropológicos e imanentes, suprimindo a dimensão estritamente teológica (transcendental). Nesse sentido, por mais elaborados que sejam os métodos hermenêuticos, teologicamente falando, nenhum deles é capaz de mediar conhecimento no sentido da *claritas interna* das Escrituras. Os métodos hermenêuticos são úteis e necessários, mas todas elas atuam no âmbito da *claritas externa* das Escrituras Sagradas, ou seja, elas têm a ver com a “letra” e não podem dispor do “espírito” das Escrituras.³⁹
- Ao mesmo tempo em que afirmamos a dimensão teológica/pneumatológica na pregação, podemos afirmar que a distinção reformatória entre *claritas interna* e *claritas externa* das Escrituras não fecha, mas abre espaço para que o pregador aproprie-se de ferramentas do âmbito antropológico da prédica, sejam elas contribuições das ciências humanas, da filosofia, métodos hermenêuticos, novas formas de comunicação, etc.⁴⁰ Apenas deve-se ter clareza que todas essas contribuições do conhecimento humano encontram-se na dimensão antropológica da pregação e não devem ser confundidas nem sobrepostas à dimensão pneumatológica (*claritas interna*), sob risco de, nesse caso, reduzir a pregação cristã a um evento meramente antropológico, que não considera a hermenêutica bíblica e teológica. A teologia cristã parte da condescendência da santíssima trindade. Em sua condescendência, o Espírito Santo não exclui, mas engloba processos hermenêuticos complexos em nível antropológico. Entretanto, a compreensão “espiritual” do texto continua na esfera do milagre, do humanamente indisponível e metodologicamente ou tecnicamente infatível, e os processos de compreensão hermenêutica são transpassados e transfigurados por essa dimensão da compreensão espiritual do texto.

Referências

BAYER, Osvald. *Autorität und Kritik*. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1991.

³⁷ SCHWAMBACH, Claus. *Apostila de Hermenêutica*. Material não publicado.

³⁸ Esta era a proposta de Sebastian Franck, como vimos acima.

³⁹ WENZ, Armin. *Das Wort Gottes – Gericht und Rettung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995. p. 300 – 306.

⁴⁰ Não há espaço neste trabalho para exemplificarmos essas possibilidades, mas queremos remeter ao trabalho de Fabian Vogt que em sua obra “Predigen als Erlebnis” apresenta os resultados de uma excelente pesquisa que procura apropriar-se da prédica narrativa como uma forma de pregação adequada e contextual para alcançar e comunicar o Evangelho a pessoas que vivem alheias a ele. Cf. VOGT, Fabian. *Predigen als Erlebnis*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchner Verlag, 2009. Também poderíamos mencionar aqui, a título de exemplo, as contribuições da assim chamada “Nova Homilética”. Um resumo de sua proposta e representantes pode ser encontrado no artigo de Mauro Batista. Cf. SOUZA, Mauro Batista de. A nova homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007.

BEISSER, Friedrich. *Claritas scripturae bei Martin Luther*. Göttingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 1966.

CALLAHAN, James Patrick. *Claritas Scripturae: The Role of Perspicuity in Protestant Hermeneutics*. *Journal of the Evangelical Theological Society*, Wheaton, n. 39, v. 3, p. 353-372, 1996.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. São Paulo: UESP/Ed. Vozes, 1999.

EBER, Jochen. *Schriftverständnis von Martin Luther* in: *Den Sinn biblischer Texte verstehen*. Giessen: Brunnen Verlag, 2006.

FIELDS, R. Douglas. *Of two minds: Listener brain patterns mirror those of the speaker*. *Scientific American*, 2010. Disponível em: <<http://blogs.scientificamerican.com/guest-blog/2010/07/27/of-two-minds-listener-brain-patterns-mirror-those-of-the-speaker/>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

GOUVÊA MENDONÇA, Antônio. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

_____; Antônio; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

HAYDEN-ROY, Priscilla. *Hermeneutica gloriae vs. hermeneutica crucis: Sebastian Franck and Martin Luther on the Clarity of Scripture*. Disponível em: <<http://digitalcommons.unl.edu/modlanggerman/24/>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

LÉONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.

_____. *À nobreza cristã da nação alemã, acerca da melhoria do estamento cristão*. In: LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

_____. *De servo arbítrio*. LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v. 4. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

LUTHER, Martin. *Luther Deutsch – Die Werke Martin Luthers in neue Auswahl für die Gegenwart*. v. 9. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. p.33.

MATTELART, Armand. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2004.

RAMOS, Luiz C. *A pregação na idade mídia*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.

Robson Marinho. MARINHO, Robson. *A arte de pregar*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

ROTHEN, Bernhard. *Die Klarheit der Schrift*. Göttingen: Vanderhoeck & Ruprecht, 1990.

SCHWAMBACH, Claus. *Apostila de Hermenêutica*. Material não publicado.

SEBASTIAN Franck. Disponível em: <https://de.wikipedia.org/wiki/Sebastian_Franck>. Acesso em: 19 dez. 2015.

SOUZA, Mauro Batista de. A nova homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007.

STEPHENS, G. J, SILBERT, L. J, HASSON, U. Speaker-listener neural coupling underlies successful communication. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. v. 107, n. 32, p. 14425–14430, 2010. Disponível em: <<http://www.pnas.org/content/early/2010/07/13/1008662107.full.pdf>> Acesso em: 19 dez. 2015.

TESCHE, Silvio. *Vestes litúrgicas: elementos de prodigalidade ou dominação?* São Leopoldo: Sinodal, 1995.

TV PRESBITERIANA. Sermão expositivo - o livro (parte 1). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wLZRiodr2ps>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

VOGT, Fabian. *Predigen als Erlebnis*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchner Verlag, 2009.

WENZ, Armin. *Das Wort Gottes – Gericht und Rettung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.